

O BOM NEGÓCIO DA SUSTENTABILIDADE

ALMEIDA, Fernando.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 191 páginas.

por Melissa Carvalho Gomes¹

À primeira vista tratar o tema “um bom negócio”, pode nos trazer a imagem de um empreendedorismo mesquinho, e de relações meramente econômicas e lucrativas. Porém, é justamente no seu sentido de combinação, que interlocuções como esta se justificam e fundamentam uma reflexão sobre o tema: o bom negócio da sustentabilidade.

O autor do livro em questão, Fernando Almeida, é professor da UFRJ, da Pós-graduação executiva em meio-ambiente da COPPE e presidente executivo do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável, o CEBDS, órgão vinculado ao *World Business Council for Sustainable Development* – WBCSD, em atividade há cinco anos.

O livro é escrito dentro de um contexto de novos paradigmas econômicos, políticos, sociais e ambientais. As economias se orientam em função de um mercado internacional flexível, os Estados Nacionais perdem a sua soberania, os papéis das políticas internas modificam-se em função da dinâmica globalizada e as questões ambientais começam a ser tratadas com a sua devida importância. Frente a esse quadro, o tema, “bom negócio” é mostrado pelo autor a partir de uma outra concepção, onde o papel das ações sociais universalizam-se para além da função Estatal, remetendo o leitor a um conteúdo contemporâneo e urgente, onde economia, cultura, política, sociedade e meio ambiente passam a ser responsabilidade de todos.

Essa é uma obra que não apenas diz respeito a empresários, executivos, funcionários e administradores, mas também a todos os responsáveis pela dinamização das questões sociais e ambientais. O tema da sustentabilidade é proposto a todos aqueles que possuam um olhar diferenciado sobre a realidade.

¹ Mestranda do Departamento de Serviço Social PUC-Rio.

Os portadores destas novas preocupações estabelecem vínculos pela sobrevivência qualitativa e dialogam com ações de políticas públicas e privadas que não se sustentariam apenas sobre números positivos, ou sobre dados de desigualdade social, mas que demandam uma verdadeira integração com a sociedade.

O universo em análise do autor é alicerçado no trinômio meio ambiente, sociedade e economia, caminhando juntos para a concepção universal de saberes multidisciplinares e de ações governamentais, não-governamentais, civis e empresariais.

O autor se questiona sobre qual seria o objetivo das linhas de construção do pensamento humano, que continuam tratando o universo empresarial como o “demônio” a serviço do capital. Seria esta sua função e finalidade? A quem caberia, então, a responsabilidade social?

Segundo Almeida, a presença do capital é uma realidade efetiva e não precisamos esperar o seu fim para que as mazelas suas decorrentes sejam tratadas, para que sejam encontradas alternativas de construção de uma sociedade mais igualitária. É imprescindível enxergar que o equilíbrio vital seja ele social ou ambiental, é problema de todos.

É partindo deste pressuposto que o objetivo deste livro, a exemplo do CEBDS, é ajudar as empresas brasileiras a promoverem a transição para a sustentabilidade a partir de dois conceitos trabalhados pelo autor: A ecoeficiência e a responsabilidade social.

O livro é dividido em três partes: a primeira contém três capítulos onde o autor apresenta um panorama do percurso das questões ambientais no Brasil e seus principais eventos no mundo, no período que vai de 1933 até 2002, e os caminhos do conceito desenvolvimento sustentável.

A segunda e a terceira partes apresentam uma análise da responsabilidade social e da ecoeficiência nas empresas e, logo a seguir, ferramentas para a sua implementação e gestão. O autor seleciona exemplos de projetos neste segmento, que estão caminhando e mostrando resultados positivos. Propõe também, caminhos e escolhas possíveis e, junto a elas, suas conseqüências sociais e econômicas, positivas ou negativas.

No caminhar de suas reflexões é possível esclarecer que as conquistas positivas da dinâmica ambiental, econômica e social partem da integração multidisciplinar e da interação entre a sociedade civil e o Estado, abrindo espaço para o diálogo e as ações concretas de novos atores no cenário econômico e social.

O autor propõe a mudança da lógica na atuação governamental e empresarial, dentro de uma perspectiva ecoeficiente e responsável. A sustentabilidade passa a fazer parte das preocupações sociais de forma mais significativa, já que se trata da sobrevivência da vida social, dos recursos naturais e de uma administração compartilhada e mais equitativa.

O autor segue a linha de argumentação da cooperação para o desenvolvimento, questionando o antigo paradigma por estar fadado ao reducionismo, ao passo que o novo se apresenta de forma orgânica, holística, onde os instrumentos governamentais sozinhos não são mais suficientes para revestirem quadro da desigualdade social, e prescindirem de trabalho conjunto e de parcerias em suas ações.

A pobreza e a desigualdade social tornam-se, nesta perspectiva, um problema que atinge a todos, pois é a maior barreira a sustentabilidade, degradando a vida, a identidade, o ambiente natural, o econômico e o social.

Esta obra é uma grande contribuição para o campo deste conhecimento específico, bem como ao diálogo multidisciplinar e ao redirecionamento de sua lógica, onde investir na dinâmica social é garantir a sobrevivência e o bem-estar de todos e não mais cerrar os olhos, ao círculo vicioso de pobreza, do lucro exorbitante e da corrupção.

A sabedoria de se ter um novo olhar, onde a ação se fundamenta na cooperação, é determinada pela ética e pela renúncia a concepções cristalizadas, através da construção e reconstrução constante do pensamento científico, onde caminha-se em acertos e desacertos. É assim que se edificam mudanças.

Seu conteúdo coerente tem por objetivo somar e promover a interação e a cooperação entre as áreas de ação e conhecimentos científicos. A construção do pensamento epistemológico é tratado na ordem da nova realidade social, na fundamentação de bases sólidas do conhecimento atual. É preciso avançar, identificar as mudanças e as novas perspectivas que se apresentam e isso significa trabalhar junto a elas, para que os projetos e seus resultados sejam no mínimo viáveis.

Assim como as notas musicais fragmentadas não produzem harmonia, pensar a sociedade hoje é fazer dos instrumentos e notas um conjunto. O diálogo é a composição deste novo paradigma pós-moderno. E o autor nos convence de que a sustentabilidade, por todas as razões, é um “bom negócio”.